



**A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISA E A FIGURA FEMININA: A TRAJETÓRIA DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO INICIAL, CONTINUADA E ALFABETIZAÇÃO (GEPFICA) NO CENÁRIO SOCIAL**

**THE RESEARCH GROUPS CONSTITUTION AND THE FEMININE FIGURE: THE WAY OF *GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO INICIAL, CONTINUADA E ALFABETIZAÇÃO (GEPFICA)* IN THE SOCIAL SCENE**

**Graziela Franceschet Farias<sup>1</sup>**  
**Helenise Sangoi Antunes<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo tem como objeto de estudo a constituição de grupos de pesquisa (gp) no âmbito das instituições de ensino superior (ies), ressaltando, em especial, a trajetória de constituição e de consolidação do grupo de estudo e pesquisa sobre formação inicial, continuada e alfabetização (gepfica/cnpq/ufsm) e a figura da mulher, em sua maioria, na liderança destes dispositivos grupais. A metodologia que embasa esta trama teórico-descritiva é de cunho qualitativo e o referencial encontra subsídios consistentes nas pesquisas realizadas por almeida (1998), antunes (2001; 2005), candau (2002), fontana (2000), louro (2007), melo (2007), entre outros. Neste sentido, sob a liderança feminina, o gepfica traça seu perfil ao longo de sua trajetória, marcando espaços e conquistando reconhecimento ao longo do tempo. Assim, com base nos diretórios de pesquisa do cnpq, foi possível conciliar informações acerca da atuação dos gp na região sul do brasil e estabelecer um paralelo entre o que se tem feito em nível institucional, regional e nacional e a que público procuramos atender enquanto grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação de professores – grupos de pesquisa – pesquisa na pós-graduação – gênero – multidisciplinaridade.

**ABSTRACT:** This article aims to study the constitution of research groups in institutions of higher education, highlighting, in special, the way of constitution and consolidation of *grupo de estudo e pesquisa sobre formação inicial, continuada e alfabetização (gepfica/cnpq/ufsm)* and the feminine figure mostly in the leadership of the groups. The methodology applied in the theoretical and descriptive study is qualitative and the references are based in researchs developed by almeida

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), membro do Grupo de Estudos sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA), bolsista CAPES 2008/2009, e-mail: gfranceschet@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Profª. Drª. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), coordenadora do Grupo de Estudos sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA), Orientadora, e-mail: professora@helenise.com.br.



(1998), antunes (2001; 2005), candau (2002), fontana (2000), louro (2007), melo (2007), and others. Then, by the feminine leadership, *gepfica* traces a profile, signaling spaces and being recognized along of time. So, through researches of *cnpq* it was possible to know information about research groups southern region in brazil and to establish a parallel among what is use to do in institutional, regional, and national level and what kind of people the group uses to attend.

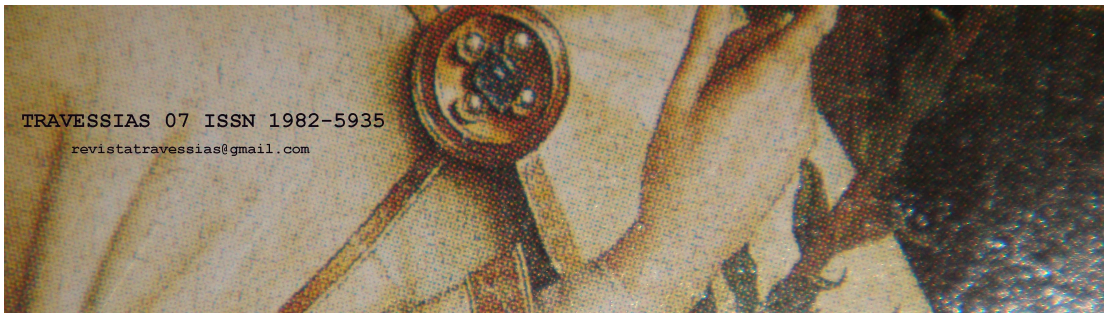
**KEYWORDS:** teacher education – research groups – post-graduation research – gender – multidisciplinary.

### Considerações Iniciais

Na sociedade globalizada atual, marcada por tênues limites fronteiriços e profundas desigualdades sociais, configuram-se relações que se estabelecem no espaço e no tempo. Relações estas que, ao longo de nossas vidas, tornam-se desgastadas pelo convívio e pelo sentimento de competição presentes na sociedade capitalista e impostas pelo modelo econômico, político e social vigente. Nesta direção, “um grande desafio lançado à sociedade atualmente é o de articular, da melhor maneira possível, os valores da autonomia, liberdade, direito e diferença e os valores da solidariedade e da igualdade” (Candau, 2002, p. 35).

Diante das turbulentas relações de convivência que se estabelecem no século XXI, desafiamos a nós mesmas a tarefa de dialogar com os leitores, provocando-os à reflexão sobre a criação e consolidação de Grupos de Pesquisa no Ensino Superior, coordenados, em números expressivos, pela figura feminina. Concomitantemente, com vistas a elucidar acerca da história recente da temática e sobre a história da consolidação do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA) na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Embora por muitos anos a figura da mulher relacione-se principalmente à figura de mãe e dona de casa, a partir do final do século passado e no século XXI, mais fortemente, a mulher desempenha papéis sociais fundamentais e tem ocupado “posições” que, anteriormente, eram tomados somente pela figura masculina. A atuação na Educação é um forte exemplo, apesar de o corpo docente, por muitos anos, ter sido focalizado como assexuado. Desta forma, não compartilhamos com a visão de “dominação masculina versus opressão feminina” (Priore, 1989, p. 13), pois esta deve ser substituída pela “análise das mediações, no tempo e no espaço, através das quais qualquer dominação se exerce” (Priore, 1989, p. 13).



São nas formas nebulosas e anônimas que encontramos as ações de mulheres que transcenderam da dimensão privada para os poderes da dimensão pública. Neste sentido, reafirmamos a contribuição de Priore (1989, p. 13), quando a autora afirma:

Melhor que responder se as mulheres tinham poder, é tentar decodificar que poderes informais e estratégias elas detinham por trás da ficção do poder masculino, e como se articulavam a sua subordinação e resistência.

São de resistências, lutas, persistências e tenacidade que se caracterizam a presença de mulheres na coordenação dos grupos de pesquisa no Brasil, pois elas necessitam enfrentar, cotidianamente, as tensões entre poderes, subordinação a ritos e mitos instituídos e à busca constante de superação dos mesmos, pois o “(...) território do feminino na história não é um lugar sereno, onde a mulher se locomove sem riscos, e onde o confronto e o conflito não imprimem suas marcas” (Priore, 1989, p.13).

Marcas que caracterizam as tensões existentes nas “práticas sociais, nos discursos e nas representações do universo feminino como uma trama, intriga, teia” (Priore, 1989, p.13). Além disso, a autora afirma que são estas tramas sociais e teias tecidas no coletivo que caracterizam as ações das mulheres nos grupos de pesquisa. Isso se justifica porque, além de os coordenarem, conseguem estabelecer as tensões e relações existentes entre a esfera do domínio público e do domínio privado, buscando com estas práticas e reflexões construir saberes que transcendem a dimensão disciplinar e avançam para a compreensão de um fazer experiencial.

Trata-se de um saber-fazer que extrapola os muros dos poderes instituídos e, de certa forma, cerceiam os desejos de poder estabelecer uma teia de relação entre a universidade, entre as relações públicas, privadas e poder. Nesse raciocínio, infere Perrot (1988, p.176) “As fronteiras entre o público e o privado nem sempre existiram. Elas mudam com o tempo”.

É a partir de movimentos, tensões e modificações que a mulher, líder de grupos de pesquisa, busca consolidar seus saberes e suas descobertas. Desta forma, Perrot (1988, p. 167) afirma: “se as mulheres (...) não tem poder, as mulheres têm, diz-se, poderes”.

Na busca de instauração e consolidação destes “poderes” (PERROT, 1988, p. 67), que se instauram no momento em que acreditamos na capacidade do gênero feminino de refletir sobre as representações instituídas da “(...) mulher apresentada como último do poder masculino, a





TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

eterna oprimida por uma sociedade fática e patriarcal, a receptora passiva das imposições sociais, porém detentora de certo potencial de resistência contra a opressão (Almeida, 1998, p.19).

Acreditamos que seja este um dos desafios que as líderes de grupos de pesquisa superaram, no sentido de sobrepujar a condição de vítimas de um poder instituído, passando à condição de protagonistas de suas histórias de vida pessoal e profissional, tornando-se autoras das escolhas feitas e das decisões tomadas.

Superar a culpa ao outro e acreditar nas possibilidades que cada ser humano possui de constituir-se com tal é tanto uma tarefa individual quanto coletiva.

Aceitando-se que as análises sobre a educação não podem mais prescindir da categoria de gênero, é possível que se descortinem novos paradigmas que levem à compreensão da intrínseca relação entre mulher e educação e, assim, novas hipóteses podem ser construídas (ALMEIDA, 1989, p. 21).

Neste sentido, é fato que o predomínio significativo de mulheres na coordenação dos grupos de pesquisa no Brasil:

Durante muito tempo a profissão de professora foi praticamente a única em que as mulheres puderam ter o direito de exercer um trabalho digno e conseguir uma inserção no espaço público, dado que os demais campos profissionais lhes foram vedados (ALMEIDA, 1998, p. 23).

Acreditamos que é neste cenário não isento de conquistas, lutas sociais, tensões e reivindicações que a presença das mulheres na constituição dos grupos de pesquisa se insere. Por isso, precisamos exercitar a capacidade reflexiva de relacionamento com o outro e fazer com que o “desconforto” de discutir sobre questões de gênero, raça, cor, religião, ética torne-se um exercício pertinente em todos os momentos e lugares.

Somente em relação a outro indivíduo tornamo-nos capazes de perceber nossas características, de delinear nossas peculiaridades pessoais e nossas peculiaridades como profissionais, de diferenciar nossos interesses das metas alheias e de formular julgamentos sobre nós próprios e sobre o nosso fazer. A partir do julgamento que os outros fazem de nós, do julgamento que fazemos dos outros sobre nós próprios tomamos consciência de nós mesmos, de nossas especificidades e de nossas determinações (FONTANA, 2000, p. 62).



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

Os Grupos de Pesquisa possuem, em sua essência, o objetivo de colocar em convívio pessoas diferentes, pensamentos divergentes, realidades distintas, histórias de vida singulares; no sentido de que estas diferenças resultem no crescimento dos indivíduos enquanto grupo, ampliando os espaços de convivência e atenuando as distâncias entre professores da rede de ensino e professores do ensino superior.

Neste momento, sentimos-nos preparadas para dialogar com nossos leitores e descrever a eles um pouco sobre a história do GEPFICA e sua constituição inicial predominantemente feminina. Relembrar este surgimento é valorizar uma parte de muitas histórias de vida, de muitos sujeitos que pelo grupo passaram. Alguns por um longo período, outros mais depressa que o “andar dos ponteiros do relógio”. História que será contada por vozes femininas.

As mulheres, política, econômica, social e culturalmente marginalizadas ao longo da história, vivendo nas sombras do mundo doméstico e na penumbra social, contando confidências, trocando receitas, falando em murmúrios nos séculos de submissão a que estiveram sujeitas enquanto teciam o fio do tapete da existência, são elas as grandes conhecedoras da arte de perpetuar a vida através da oralidade. E melhor do que ninguém transitam no território da resistência e da subjetividade. Para elas, a memória é o legado herdado através das gerações, a possibilidade das gerações, a possibilidade da perpetuação das experiências vividas, a narrativa dos tempos feita do seu ponto de vista, da sua maneira de olhar o mundo e a vida (ALMEIDA, 1998, p. 53).

Desenvolvemos ao longo do tempo, como afirma a autora, características que são, em especial, de nosso gênero. Dentre elas, a arte da oralidade, de descobrir e contar histórias, de nos relacionar com o outro de maneira afetiva e, ao mesmo tempo, subjetiva, e, ainda, ao longo do tempo, a figura de líder, capaz de fazer com que uma mesma mulher consiga, ao longo de toda a sua vida, exercer papéis que são fundamentais para a vida em grupo e em família.

### **A Constituição do GEPFICA enquanto Grupo de Pesquisa: início de uma trajetória**

Para dar início a construção deste item, sugiro repensarmos, na criação das primeiras Instituições de Ensino Superior do país. É um surgimento bastante recente, datado do século XX, quando surge a primeira universidade brasileira. Conforme aponta Morosini (2008), na década de 20 existiam somente alguns núcleos isolados de pesquisa nas universidades. Este



cenário começa a ser modificado somente após a elaboração de um projeto modernizador apoiado na proposta desenvolvimentista (MOROSINI, 2008).

Com uma história bastante recente, iniciada na década de 90 no Brasil, os Grupos de Pesquisa, a partir do conceito de transdisciplinaridade<sup>3</sup>, começaram a surgir, no âmbito das Instituições de Ensino Superior, como alternativa para o compartilhamento de saberes e o crescimento dos indivíduos de forma conjunta ao longo do processo de estudo. Mais precisamente em 1996, com a implementação dos marcos regulatório para a educação superior – LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, é que constata-se um crescimento expressivo dos diretórios de pesquisa nacional (MOROSINI, 2008).

O grupo de pesquisa é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças: cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa; cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos. O conceito de grupo admite aquele composto de apenas um pesquisador. Na quase totalidade desses casos, os grupos se compõem do pesquisador e de seus estudantes (DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL/CNPq, 2008).

O conceito dado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq define, de forma bastante didática, o significado da criação e o porquê da existência dos Grupos de Pesquisa, admitindo, assim, a seguinte hierarquia: líder(es) de grupo, que em sua maioria são professores/pesquisadores com título de doutor; os pesquisadores que podem ser os estudantes graduados e/ou pós-graduados da equipe de pesquisa e os estudantes, bolsistas ou não, em iniciação científica e em cursos de pós-graduação, que participam das linhas de pesquisa desenvolvidas pelo grupo.

No Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES representam as agências governamentais de fomento e avaliação das Instituições de Ensino do país.

Cabe, neste momento, exemplificar, através de alguns dados quantitativos. No ano de 2004, 51,8% dos grupos de pesquisa situava-se na região sudeste, 23,9% no sul e 15% na nordeste (CNPq, 2004). No tocante a composição de gênero em 1993 (MOROSINI, 2008),

<sup>3</sup> Do ponto de vista formal a transdisciplinaridade está relacionada “àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (NICOLESCAU, 2000).





quando foi realizada a primeira pesquisa direcionada nos grupos de pesquisa do CNPq, 61% dos líderes era do sexo masculino. Em 2004, este percentual baixou para 53% e conseqüentemente, o percentual feminino subiu de 39 para 47%. Há uma explicação convincente para explicar este aumento percentual. A figura feminina, a partir da expansão da globalização e da expansão do mercado de trabalho, se lança ao mercado e inicia o processo de liderança das frentes de trabalho.

Assim, conforme dados fornecidos pelo CNPq, através dos Diretórios de Grupos de Pesquisa (2008), as estatísticas de atualização na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM são as seguintes: no último censo, o total de grupos de pesquisa era da ordem de 216 (duzentos e dezesseis); o número total de grupos certificados na instituição atingiu 242 (duzentos e quarenta e dois); o número total de grupos não atualizados marcou 38 (trinta e oito); apenas 1 (um) grupo está no aguardo para receber a certificação e; 22 (vinte e dois) estão em fase de preenchimento.

Com base nestes dados, podemos inferir que o número de Grupos de Pesquisa na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM tem crescido gradualmente, seja em função da ampliação dos cursos de graduação e pós-graduação, ou mesmo pelo aumento dos incentivos financeiros para fomento a pesquisas, uma vez que, ressalva a importância para o aluno de iniciação científica, o envolvimento em grupos de pesquisa e em pesquisas propriamente ditas.

Iniciado nosso diálogo, passamos há elucidar um pouco sobre a história do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização.

Espaço de conversas, de aprendizagem, de troca de saberes, encontro de desejos, de angústias, e porque não dizer, de competição, no ano de 2004, surge na Universidade Federal de Santa Maria uma vontade incessante de encontros que promovessem a indagação permanente. Era o prenúncio da formação de um grupo, do GEPFICA. A partir do desejo internalizado de uma professora, mãe e mulher, que propôs a mediação de saberes de um grupo de alunos (as), formado inicialmente por uma mestranda, quatro orientandas e um orientando de iniciação científica, surge a evidência desta possibilidade. Neste exemplo, a questão do gênero manifesta-se em números: cinco mulheres e um homem, que pelo desejo mútuo de compartilhar, decidem fundar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Inicial, Continuada e Alfabetização, o GEPFICA/CNPq/UFSM.

Com a idéia formalizada, o Grupo passa a definir sua trajetória de estudos. Nesta linearidade, compõe, juntamente com os demais Grupos de Pesquisa, a Linha de Pesquisa Um (1) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, que



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

abarca as pesquisas de Mestrado e Doutorado sobre Formação, Saberes e Desenvolvimento Pessoal. Esta linha desenvolve investigações sobre a formação inicial e continuada de professores na perspectiva do desenvolvimento profissional, da constituição do sujeito professor, das trajetórias de formação, da profissionalização docente, dos saberes produzidos em diferentes níveis e espaços educativos, alfabetização e letramento.

Atualmente, reafirmando a feminilidade, a força de trabalho e a liderança que as mulheres conquistaram e passaram a exercer ao longo dos anos, a figura de liderança se auto-afirma na condução dos trabalhos, pesquisas e orientações deste grupo. Afirmção que se justifica pelo fato de que uma mulher o lidera, coordenando um grupo de 5 (cinco) mestres, sendo que apenas 1 (um) é do sexo masculino, 2 (duas) mestrandas e cerca de 30 alunas de graduação envolvidas em pesquisas na iniciação científica.

Debruçadas sobre o vivido, nossa matéria e nossa questão, resgatamos as marcas e pistas deixadas em nós pelos meandros trilhados no aprendizado no aprendizado e na elaboração cotidiana do “ser professora”. Refletimos sobre elas, no jogo da participação do/com o outro. Compartilhamos, então, fragmentos de nossas histórias de vida e dentro delas a escolha profissional. Refletimos sobre a organização do trabalho pedagógico, sobre nossas relações com os alunos, com outras professoras... Falamos sobre nossos medos, de nossas ansiedades e da desconfiança; da “solidão no noviciado” e da “cumplicidade dos iniciados”. Discutimos sobre nossos saberes e sobre nosso não saber... Confrontamos nossas relações com a leitura e com os produtos culturais relativos ao ensino, que mediatizam a prática pedagógica. Confrontamos e compartilhamos modos de preparar aulas, de avaliar, de registrar o próprio fazer/fazer-se... Na riqueza e diversidade das trocas que se estabeleceram, procuramos apreender não só “os modos pelos quais fomos” elaborando e re-elaborando, no/com o grupo, os sentidos do “ser professora” e sua constituição em nós, produzindo um saber sobre esse processo e um modo de ser como indivíduos (nossa subjetividade). Também nos indagamos acerca do que nos levava a compartilhar com o grupo o que éramos e o que estávamos sendo (FONTANA, 2000, p. 76-77).

Nos momentos de convivência proporcionados pelos encontros do Grupo, surgem os mais diversos sentimentos de amizade, tensão, disputa, cumplicidade, parceria, carinho, discussões. Sentimentos e atitudes que fortalecem os laços que unem pessoas tão diferentes, em prol de um mesmo objetivo: trocas de experiências com vistas ao crescimento comum do Grupo, como dispositivo de formação de profissionais da Educação. As relações que se estabelecem reforçam os objetivos do coletivo em torno de um objeto ou temática de pesquisa, conferindo ao





grupo solidez e discernimento enquanto sujeitos que compartilham conhecimentos. Esta disposição é confirmada, segundo Morosini (2008) pela teoria das redes.

A teoria das redes tem como elemento essencial os *nós*, elementos da rede, e *laços*, relações entre os nós da rede. Estes laços podem ser de identificação ou de diferenciação. Identificação em relação ao mesmo objeto pesquisado, com determinada postura epistêmica e metodológica, em determinado recorte temporal, etc. A força dos laços é dependente da duração da relação (antiguidade e tempo despendido), intensidade emocional, intimidade, serviços recíprocos e da multiplicidade (pluralidade de conteúdo de trocas) (MOROSINI, 2008, p. 91).

Se buscarmos entender profundamente as relações, iremos perceber que no convívio diário e na troca de informações, saberes e experiências, multiplicam-se ambientes ricos e que se materializam na constituição dos grupos de pesquisa. A humildade e o saber ouvir o outro, na condição de um ouvinte silencioso, é um dos quesitos para as relações de convívio, uma vez que não necessariamente o que pensamos tem a mesma validade social ou pessoal para o outro.

E é nesta multiplicidade de convivência que nasce e cresce, desde 2002, o GEPFICA.

### **Em busca das produções em conjunto: os projetos de pesquisa**

Do ponto de vista de uma instituição de ensino superior, em razão da lógica dos investimentos públicos na produção do conhecimento científico, os grupos de pesquisa funcionam como instrumentos inseridos nas estratégias voltadas a fazer operar e organizar a produção do conhecimento. Por seu caráter unificador, permitem a especialistas de diferentes áreas dialogarem sobre uma mesma temática. Além disso, é uma forma de concentrar recursos, em vez de financiamentos pontuais. O grupo de pesquisa permite complexificar os estudos sobre um problema de pesquisa que é, em si, complexo. Assim, a associação de pessoas em torno de um trabalho conjunto representa um avanço na natureza processual de rearticulação disciplinar. Parte-se, na constituição de um grupo de pesquisa do reconhecimento dos limites individuais e da possibilidade de superação pela estratégia do trabalho coletivo (PEREIRA; ANDRADE, 2008, p. 156-157).

Na perspectiva da união interagida com a coletividade e da produção de conhecimentos voltados para um mesmo ideal, é que foi criado, no ano de 2002, por uma recém-doutora, porém com perfil de liderança, o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA/CNPq/UFSM).



O GEPFICA mantém estudos e pesquisas no trajeto da Linha de Pesquisa em Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. O trabalho apóia-se numa metodologia qualitativa, construída de forma participativa e dialógica.

Nesse ínterim, enquanto o grupo se constitui, a cada encontro, como grupo de pesquisa, cada um dos integrantes constrói sua própria identidade de professor e/ou pesquisador. Todas as discussões e questões pertinentes às pesquisas se definem durante os encontros presenciais que ocorrem uma vez por semana, e que se desdobram em ações coletivas entre um encontro e outro.

A construção dos procedimentos e instrumentos, coleta, organização, análise dos dados e elaboração dos relatórios parciais e finais são atividades destinadas às 3 (três) bolsistas de iniciação científica do Grupo. Os demais participantes como professoras da rede municipal e estadual de ensino, as acadêmicas dos cursos de Pedagogia, Educação Especial e outras Licenciaturas, as mestres e mestre e mestrandas disponibilizam-se e solidarizam-se para dar o suporte organizacional, funcional e dinâmico do Grupo.

Neste sentido, desenvolvem, desde o ano de 2004, os seguintes projetos de pesquisa que sustentam a produção do grupo: *“Ciclos de Vida Pessoal e Profissional na Trajetória Docente”*, que busca entender, a partir dos estudos de Huberman (1992), os ciclos de vida dos professores. Esses estudos, juntamente com os realizados por Nóvoa (1992), contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da investigação. Dessa forma, organizamos a coleta das informações com acadêmicas dos cursos de Educação Especial e Pedagogia da UFSM, além de professoras da rede municipal de ensino do município de Santa Maria/RS. Para tanto, utilizamos uma metodologia qualitativa, pautada nas escritas autobiográficas e nas entrevistas semi-estruturadas. Acreditamos que, a partir desta escolha metodológica, é possível buscar uma aproximação dos acontecimentos no decorrer da vida dos sujeitos envolvidos, e que muitos deles ainda influenciam em suas trajetórias, principalmente na sua maneira de ser professora. Por este viés metodológico, consideramos os sujeitos como participantes, oportunizando a ressignificação de suas histórias de vidas. Professoras que há muito se encontravam longe dos bancos escolares, voltam ao convívio universitário, permeadas pela participação no grupo, para dar início à formação continuada, através de um processo de reflexão-ação.

A principal meta do GEPFICA, enquanto grupo e através deste projeto, é o aprofundamento dos estudos na área, com vistas a incorporar novos participantes à pesquisa.



O projeto de extensão intitulado: “Laboratório de Alfabetização: Repensando a Formação de Professores” funciona como “carro-chefe” dos estudos do Grupo, além de ser a base de sustentação do convênio interinstitucional de 3 (três) anos entre o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FaE/UFMG e o GEPFICA.

O GEPFICA, através deste convênio, passou a compor a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, financiada pelo Ministério de Educação (MEC). As ações de formação continuada de professores vinculados a esta Rede Nacional são desenvolvidas pelos Tutores da UFSM, que receberam formação continuada diretamente do Ceale, e que formam uma parte significativa do grupo vinculada às linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM.

Uma das primeiras ações desenvolvidas através deste Convênio aconteceu no mês de maio de 2007, com a vinda de duas pesquisadoras do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Graça Ferreira Costa Val e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isabel Cristina Alves da Silva Frade para Santa Maria, a fim de promoverem o “*I Curso de Capacitação de Tutores*”. Os tutores formados neste curso participaram, no ano de 2007, do primeiro Curso de Formação de Professores, capacitando os professores da Escola Estadual Prof<sup>ª</sup>. Celina de Moraes, acolhida pelo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA) para o desenvolvimento de suas ações.

No segundo semestre de 2007, foram realizadas outras ações de formação de professores nos municípios de Santa Cruz, envolvendo 40 (quarenta) professores, de Formigueiro, envolvendo 40 (quarenta) professores, e no município de Vila Nova do Sul, envolvendo 40 (quarenta) professores.

No ano de 2008, as ações foram largamente ampliadas para os municípios de Itaara, São Pedro do Sul, Restinga Seca e outros da fronteira do Estado, em especial São Borja e Itaqui, que têm buscado os cursos de formação, perfazendo um total entre o ano de 2007 e 2008 de 300 (trezentos) alfabetizadores. É pertinente destacar o número de alunos beneficiados através da qualificação destes professores, em que são formados entre 25 (vinte e cinco) 30 (trinta) professores, sendo que atuam em turmas de 30 a 35 alunos.

Ainda no ano de 2008, enviamos os relatórios ao Ceale/FaE/UFMG, dando visibilidade às ações previstas e cumpridas para o referido ano: conclusão da formação continuada de 40





(quarenta) professores no município de Santa Cruz do Sul; início da formação continuada de 40 (quarenta) professores no município de Vila Nova do Sul; formação continuada de 40 (quarenta) professores no município de Formigueiro; formação continuada de 40 (quarenta) professores da Escola Estadual Profª. Celina de Moraes.

Diante de todas as ações sociais e de inclusão realizadas por este projeto de extensão, figuram-se as que são desenvolvidas em nível local, na cidade de Santa Maria/RS, cujo principal objetivo é investigar novas metodologias para contribuir para a melhoria e qualificação das alunas em formação e dos professores alfabetizadores. Nesta direção, estabelecemos intercâmbio entre a Escola Municipal Livia Menna Barreto, a Escola Estadual Profª. Naura Teixeira e, mais recentemente, com a Escola Estadual Celina de Moraes, onde são atendidos e acompanhados anualmente cerca de 30 (trinta) crianças com dificuldades de aprendizagem, leitura e escrita.

Através do projeto de pesquisa *“Perfil das Alfabetizadoras no Município de Santa Maria”*, surgiu a partir de parcerias institucionais celebradas através do convênio entre Ceale/FaE/UFMG e GEPFICA/CE/UFSM. Nesse sentido, sentiu-se a necessidade de conhecer quem são e qual a formação acadêmica que as professoras alfabetizadoras do município de Santa Maria/RS possuem, assim como buscar conhecer os métodos de alfabetização por elas utilizados. A partir desta pesquisa, notou-se o crescente interesse por parte das alfabetizadoras, em construir um processo que legitime as práticas educativas desenvolvidas em sala de aula, ao mesmo tempo em que percebemos um “desconhecimento” e “descontentamento” frente aos desafios que elas enfrentam em suas salas de aula. Nesta direção, buscamos instaurar um processo de reflexão sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras, que acreditamos influenciam diretamente na maneira como se configuram as atuais práticas educativas de alfabetização das colaboradoras.

Concomitantemente, contamos com o projeto *“Resignificando os processos de formação inicial”*, que tem por objetivo refletir sobre os processos de formação inicial vivenciados pelos alunos dos Cursos de Educação Especial e Pedagogia do CE/UFSM, através de uma metodologia lúdica e reflexiva junto a crianças em condição de risco social, assim como o desafio de constituir novos saberes nas trajetórias pessoais e profissionais dos alunos em formação. Acreditamos que a postura adotada pelo formador de professores deva ser a de proporcionar um ambiente rico em estímulos, para que o aluno construa seu sistema de significação, tendo novas experiências,



aprendendo a mobilizar capacidades intrapessoais, conhecendo a si mesmo e estabelecendo relações reflexivas entre a teoria e a prática.

Por fim, o mais recente projeto de pesquisa do GEPFICA intitula-se: *“Memórias e relatos autobiográficos de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas de alfabetização nas escolas municipais rurais de Santa Maria/RS”*, o qual busca conhecer, através de memórias, dos relatos autobiográficos e das entrevistas semi-estruturadas das professoras do meio rural, as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas municipais rurais de Santa Maria – RS. A partir deste estudo passamos a valorizar as histórias de vida das alfabetizadoras rurais, o “lugar” onde estão inseridas, assim como a História da Educação e da Alfabetização, através dos instrumentos de coleta de informações. Também no ano de 2008, este projeto teve apoio de agências de fomento, que se configurou em duas bolsas de iniciação científica: FAPERGS e CNPq.

Ainda no ano de 2008, ampliamos nossos estudos sobre as cartilhas e nos lançamos no cenário regional. Contemplados no Edital Universal do CNPq/2008, lançamos nossos esforços e estudos em nível de Rio Grande do Sul (RS), nos aproximando das histórias de vida de alfabetizadoras rio-grandenses dos municípios de Pelotas, Uruguaiana, Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Cachoeira do Sul, Lavras do Sul, São Gabriel, Ijuí, Santa Rosa, Erechim, Passo Fundo e São Borja, no intuito de construir um Banco de Dados das cartilhas de alfabetização utilizadas por estas professoras.

No ano de 2008, temos dois projetos de dissertações em andamento. As pesquisas em desenvolvimento são: *“A ludicidade e o ensino de nove anos: a história de vida de uma alfabetizadora”* e *“Memórias e formação de professoras alfabetizadoras: a utilização das cartilhas de alfabetização por duas professoras de escolas rurais de Santa Maria/RS”*.

Podemos perceber, a partir destes exemplos, como se definem os temas de pesquisa do Grupo de Pesquisa aqui referendado e a abrangência das análises realizadas. Os exemplos anteriores evidenciam ainda o trabalho coletivo que se desenvolve, para que possamos, em conjunto, alcançar sucesso em nossas metas. Metas estas que são permeadas e marcadas pela seriedade, criticidade e por sua intenção formativa. Porém, não é possível deixar de destacar que a convivência do grupo permite, igualmente, que se fortaleçam os laços afetivos entre os integrantes, no intuito de que o crescimento seja igualmente distribuído entre eles.

**A validade social e a referência nacional: o encontro com nossos objetivos**

**Graziela Franceschet Farias, Helenise Sangoi Antunes**



Trabalhar em equipe, principalmente com pessoas de um mesmo gênero, é tarefa para ser exercitada cotidianamente, uma vez que todo o trabalho de qualidade tende a gerar “bons resultados”.

O discurso pedagógico mais atual insiste em que a formação inicial, permanente e continuada de professores deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva. Nesse raciocínio, que oportunize aos professores condições para a existência de um pensamento autônomo, capaz de construir novas significações ao processo de tornar-se professor e substituir o significado construído em torno da professora formada, pelo da professora em formação. Em estudos realizados por Bolzan (2005, p. 85), constata-se que “ensinar exige tomada de decisões conscientes, comprometimento, apreensão da realidade, criticidade, reconhecimento e assunção da identidade cultural de educadores e educando, respeito aos saberes dos educandos, disponibilidade para o diálogo, convicção de que a mudança é possível, curiosidade, reconhecimento de que a educação é ideológica, rigorosidade metódica e muita pesquisa”.

Considera-se como um caminho possível criar situações para que os professores em exercício reflitam sobre os seus espaços de interação, entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo-lhes que se apropriem, através da memória educativa e produzindo novas significações em relação as suas histórias de vida e a sua prática docente. Tornar cada vez menor a distância entre a teoria e a prática é um dos papéis que o professor deve assumir nas práticas cotidianas e no ato de ensinar e aprender com os alunos, ou seja, assumir o papel de “mediador” entre o que ensinar e o que aprender em sala de aula.

Desde 2004, o projeto de extensão “Laboratório de Alfabetização: repensando a formação de professores” tem realizado ações práticas e reflexivas nas escolas da periferia da cidade de Santa Maria, juntamente com os acadêmicos dos cursos de Pedagogia, Educação Especial e Geografia, apoiado por incentivos financeiros internos da Universidade Federal de Santa Maria, como por exemplo, o Fundo de Incentivo à Extensão (FIEEX) de 2004 a 2008, bem como de órgãos federais como o SESU/MEC/2004 e FNDE/MEC/2006. Os demais projetos abarcados pelo GEPFICA contam com incentivos financeiros do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFSM), do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Rio Grande do Sul (BIC/FAPERGS) e do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIPE/UFSM), assim como da





Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com duas bolsas de Mestrado.

A produção científica de qualidade tem sido proporcionada através do Edital Federal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, concedido pelo Ministério da Educação (MEC), no ano de 2006, o que culminou com a publicação dos dois livros: *“Práticas Educativas: Repensando o cotidiano dos (as) professores (as) em formação”* e *“Trajetória Docente: o encontro da teoria com a prática”*, oportunizaram aos sujeitos envolvidos nas pesquisas do GEPFICA a publicação de artigos científicos acerca de suas escritas e experiências.

Outro passo dado pelo grupo que compõe o GEPFICA foi a construção e a realização de dois grandes Seminários: o primeiro realizado em 2005, intitulado *“IV Seminário Regional e I Seminário Nacional de Formação de Professores: os Desafios de Ensinar e Aprender”*, que reuniu professores de diversas instituições do Brasil, acadêmicos da UFSM e de outras instituições de ensino superior, professores da rede municipal e estadual de ensino de Santa Maria e região, dirigentes e coordenadores de diversas escolas de Santa Maria, entre outros. Em 2007, promovemos o *“V Seminário Regional e II Seminário Nacional de Formação de Professores, Alfabetização e Letramento: Possibilidades de Inclusão Social”*, configurados em uma das ações previstas a partir do convênio firmado entre o Ceale da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG) e o Grupo de Pesquisa GEPFICA da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (FaE/UFSM).

Novamente, em 2008, agraciados pelo Edital Federal da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), desta vez através da *“Escola que Protege”*, organizamos o *“I Curso de Formação de Profissionais da Educação – A Escola que Protege”*, que reuniu 1030 (Mil e trinta) inscrições de professores e profissionais da Educação com um único objetivo em comum: discutir e refletir sobre os altos índices de maus tratos na infância e adolescência, assim como o de estabelecer e fortalecer uma Rede de Proteção à Infância em Santa Maria e região. Um dos assuntos debatidos durante as palestras encena para o papel fundamental que a mulher desempenha frente à sociedade que se mantém “alienada” às questões de violência contra crianças e adolescentes em nível nacional.

Debatidos os pontos, focadas as deficiências e diagnosticados os problemas, partimos para a 2ª etapa, a consolidação da Rede de Proteção à Infância na região Sul do Brasil, com o apoio da SECAD/MEC, Secretarias Municipais de Educação, Coordenadorias Estaduais de



Educação Secretarias de Assistência Social, Cidadania e Direitos Humanos, Secretaria de Cultura, Secretaria de Assuntos de Segurança Pública, Secretaria de Esportes e Lazer, Conselhos Tutelares, Juizado da Infância e Juventude e Delegacias.

Neste ano de 2009, materializa-se a segunda edição do evento, no qual estaremos atendendo 1500 professores e demais profissionais da educação, com o objetivo de fortalecer a rede de atendimento para atender um público ainda mais expressivo. A proteção à infância clama por ser ouvida, por ser atendida, e o GEPFICA lança mais esta iniciativa, no sentido de ultrapassar os muros da universidade e atender à comunidade de maneira geral.

### **Considerações Finais**

Conforme dados publicados pelo 3º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero (2008), a Região Sul do Brasil ocupa a 3ª colocação em número de participantes, ficando atrás das Regiões Sudeste e Nordeste apenas. Dos 4.489 participantes, 71% são mulheres, que estão locadas em diferentes regiões do país, tendo que conviver com diferenças culturais, étnicas, raciais, religiosas, de preconceitos, mas que, mesmo assim, somam um número expressivo de vozes a ouvi-las.

Mulheres que independentemente das condições adversas, das imposições políticas, das diferenças de gênero, fazem com que a produção científica, na figura de professoras, transponha os limites imaginários das fronteiras constituídos nas relações entre o “eu” e o outro.

Acreditamos na possibilidade educativa que as relações estabelecidas nos grupos de pesquisa oportunizam aos seus participantes, principalmente, nos estudos realizados por Antunes (2005) e Souza (2008), que demonstram, através das entrevistas realizadas com líderes de grupos de pesquisa em 2006, e posteriormente com os acadêmicos dos Cursos de Pedagogia e Educação Especial, o espaço formativo em que os grupos de pesquisa se constituem, justamente por figurarem, igualmente, a possibilidade de articular de forma equilibrada o ensino, a pesquisa e a extensão.

Podemos destacar como resultados no ano de 2008, proporcionados pela cooperação grupal, pelo envolvimento científico, pela dedicação depreendida por cada um dos integrantes do GEPFICA e principalmente pelo espírito de liderança e de unicidade da coordenadora do grupo, a aprovação de um projeto de pesquisa intitulado: “Memórias e relatos autobiográficos de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas de alfabetização nas escolas municipais rurais do Rio



Grande do Sul/RS”, contemplado com o Edital Universal do CNPq, pelo qual concorreram mais de 11 mil propostas de todo o país e a renovação do projeto de extensão intitulado: “Escola Que Protege”, iniciativa do Ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD).

Neste cenário, apontamos como propositiva e reflexiva a figura feminina nos grupos de pesquisa, constituindo-se num exercício de cidadania, dos direitos humanos e da igualdade de gênero neste país.

O estudo das condições que qualificam os grupos de pesquisa implica enfatizar a emergência de equipes de pesquisadores e de programas de pós-graduação: políticas institucionais que possibilitam a formação de recursos humanos que mantenham o projeto institucional; apoios internos e externo, estatais e advindos da sociedade civil que se mostrem eficazes para reforçar a atuação do grupo. Neste caso, os grupos tornam-se mais fortes e fomentam o fluxo de desenvolvimento virtuoso. Vão mais além de consumidores de produtos de nações desenvolvidas, reafirmam suas parcerias, a partir do local, com reflexos no grau de impacto social na sociedade na qual estão inseridos (MOROSINI, 2008, p. 103-104).

Não cremos que este tipo de trabalho tenha um encerramento. Etapas são concluídas, outras permanecem em aberto. Esta etapa constituiu-se em um desafio, que por hora foi vencido. Assim, destacamos a relevância do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq no que se refere a seu uso pela comunidade científica e tecnológica na formação profissional e na troca de informações entre grupos, bem como, num importante dispositivo de intercâmbio de experiências entre grupos de pesquisa quanto à temática sobre Igualdade de Gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ANTUNES, Helenise Sangoi. **Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre: UFRGS, 2001. 257 f. +anexos.





\_\_\_\_\_. Imaginário Social e Formação inicial de professores: tecendo relações entre teorias e práticas educativas. In: ANTUNES, Helenise Sangoi. **Trajectoria docente: o encontro da teoria com a prática**. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia de Ensino, Santa Maria: Pallotti, 2005.

BOLZAN, Dóris Pires Vargas. Formação de Professores: Reflexões sobre os Saberes e Fazeres na Escola. In: ANTUNES, Helenise Sangoi. **Práticas Educativas: repensando o cotidiano dos (as) professores (as) em formação**. Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, 2005.

CANDAU, V. M. (Org.) **Sociedade, Educação e Cultura(s): questões propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPQ, 2008**. Disponível em: <http://www.cnpq.br/gpesq>. Acesso em: 27 de Out. 2008.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992. p. 31-62.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia. (Orgs.). **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2007.

MOROSINI, Marília Costa. Grupos de Pesquisa no Brasil: a perspectiva do campo científico. In.: BROILO, Cecília Luiza; CUNHA, Maria Isabel da. (Org.). **Pedagogia Universitária e Produção do Conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

NICOLESCAU, B. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a profissão**. Lisboa: Dom Quixote, 1992 p.15-33.

PEREIRA, Gilson R. de M.; ANDRADE, Maria da Conceição Lima de. Aprendizagem científica: experiência com grupos de pesquisa. In.: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo. (Orgs.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2008. p. 153-168.

PERROT, M. **Os excluídos: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRIORE, M. del. **A mulher na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.



SOUZA, E. de. **Grupos de Pesquisa na Formação Inicial**: um estudo a partir das significações imaginárias. 2008. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2008.